

UM acervo de 180 obras, à espera de um Museu. Correio Popular, Campinas, 31 mar. 1976.

Um acervo de 180 obras, à espera de um Museu

Em 1967, o pintor campineiro Gerson Pinheiro, então diretor da Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, decidiu doar toda sua obra, composta de mais de 180 peças, à sua cidade natal. A doação foi oficializada através de ato solene realizado naquele mesmo ano, na Câmara Municipal.

No ano de 1969, ainda diretor da ENRA, o artista viajou novamente do Rio (onde reside) para Campinas, motivado por uma razão "bastante plausível": até aquela data, dois anos após a doação, a cidade beneficiada não havia providenciado um local para conservar o acervo doado.

Nessa ocasião, Pompeu Pinheiro avistou-se com o secretário municipal da Educação e reafirmou-lhe que estava de pé sua intenção de transferir toda sua obra para um Museu de Arte na cidade. O secretário respondeu-lhe que Campinas tinha "muita satisfação" em recebê-la, não só porque o pintor é campineiro mas também porque é um dos artistas mais ilustres do país.

Ontem, mais uma vez, o doador voltou ao seu município de origem, um tanto desiludido porém com a desatenção das autoridades municipais e lamentando que nenhuma das promessas oficiais tenha se concretizado até agora. Ainda hoje o acervo doado continua sem local onde possa ser preservado e exposto.

ESPERANÇA

A visita de ontem, entretanto, acendeu uma pequena esperança no artista, que hoje está com 66 anos e já se acredita em "meus últimos dias". A esperança é a de que, finalmente, sua obra possa ser trasladada para a nossa cidade e reunida num "local digno".

O pintor refere-se ao Museu Histórico "Campos Sales", instalado pelo Governo Estadual na avenida de mesmo nome, em Campinas, mas ainda não inaugurado. O diretor da instituição, o historiador Celso Maria de Melo Pupo, já lhe prometeu que, quando a inauguração ocorrer, haverá espaço destinado a acolher o acervo do artista campineiro.

Pompeu diz que está contente com essa promessa, em cuja realização ele acredita confiantemente. Mas não deixa também de ser realista. Se, por alguma razão, as novas perspectivas não se concretizarem, afirma que irá criar um museu particular em Teresópolis (RJ), onde possui uma casa, doando suas produções para a Prefeitura daquela cidade.

Mas — acrescenta ele — até que se adote uma resolução definitiva em Campinas, não irá tomar esta decisão. O pintor não esconde sua afeição pela cidade natal

e declara que "é desnecessário afirmar que eu teria muito mais alegria em ver minha obra reunida aqui do que em qualquer outro lugar".

PRESENTE E PASSADO

Nascido em 1910, Gerson Pompeu Pinheiro começou a pintar aos onze anos. Aos doze, ganhava seu primeiro prêmio: a menção honrosa do Concurso de Pintura instituído em comemoração ao Centenário da Independência. O seu quadro, que abordava esse tema, chamava-se "Homemagem do Presente ao Passado".

Naquela época, 1922, Pompeu não tinha sequer estudos de Pintura. Sua precocidade, entretanto, fez sua família mudar-se para a então capital da República, em 1924, onde ele passou a frequentar a Escola Nacional de Belas Artes. Neste estabelecimento o pintor começou a lecionar após sua formatura, ocupando sua diretoria nos períodos de 1958 a 60 e de 1964 a 71.

Arquiteto, escultor e violinista amador, além de pintor, Gerson Pompeu Pinheiro diz que sua obra não se enquadra em nenhuma escola. A classificação que ele lhe dá é, ao mesmo tempo, ampla e vaga: "meus quadros não são modernos, é verdade, mas também não podem ser chamados de acadêmicos". Quando muito, ele consente que seus trabalhos sejam incluídos num "estilo clássico".

ALVARO RIBEIRO

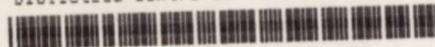
Foi com essa forma artística que o pintor conquistou seus prêmios: o "hors-concours" do Salão Nacional de Belas Artes, muitas medalhas e troféus. Apesar de premiado, o artista reconhece que "não alcancei a celebridade e a fama que pretendia". E arremata: "sou bom, mas não estou entre os melhores".

O pintor se recorda, contudo, de certas humilhações pelas quais passam atualmente algumas de suas obras premiadas, doadas "de boa vontade" a instituições de Campinas mas não preservadas da maneira como deveriam ser.

E o caso de um quadro a óleo em tamanho natural do jornalista e empresário, Alvaro Ribeiro, que ele ofereceu em 1941 ao Colégio Ateneu Paulista, onde então estudavam membros da família do retratado. De acordo com as disposições da doação, o retrato deveria ser conservado no estabelecimento de ensino enquanto houvesse vínculo com o clã dos Ribeiro. A partir de então, deveria ser transferido para o Centro de Ciências, Letras e Artes.

Alguns anos depois, o pintor efetuou uma visita ao Colégio. Encontrou seu quadro sobre um amontoado de móveis velhos, coberto de poeira e parcialmente danificado, mas ainda em condições de ser restaurado. Sua sugestão, agora, é de que a obra, que arrebato uma medalha de bronze num concurso nacional, seja também incorporado ao acervo que será exposto no Museu Histórico "Campos Sales".

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030874



Gerson Pompeu Pinheiro e o retrato de Alvaro Ribeiro, que ele pintou aos 14 anos de idade. O quadro está hoje na redação do "Correio Popular"